

O pensamento através da literatura e a postura do analista

João Paulo Koltermann¹, Florianópolis, Santa Catarina

Resumo: Diversos autores psicanalíticos recorreram à literatura como fonte de inspirações para seus conceitos teóricos. Assim, a literatura desempenhou um papel importante, figurando e viabilizando novos pensamentos e expressões. No entanto, ainda não está claro como o texto literário pôde contribuir para o pensamento psicanalítico. Este artigo tem como objetivo explorar as características do texto literário que facilitam o surgimento de pensamentos em relação ao subjetivo. Assim, são discutidas as características saturadas e insaturadas que perpassam o pensamento psicanalítico, a postura do analista e o texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Psicanálise, Formação do psicanalista.

Introdução

A literatura tem uma grande importância para a psicanálise e já influenciou o pensamento de diversos analistas como Freud, Ernest Jones, Otto Rank, Melanie Klein, Thomas Ogden e outros (Ogden et al., 2012; Azevedo, 2019). Ela está presente na constituição de diferentes conceitos psicanalíticos, como do Unheimlich (Freud, 1919/2019b), do narcisismo (Junior, 2021), ou mesmo da Identificação Projetiva (Ogden, 2018). Além do mais, Freud é um exemplo na criação que perpassa a ciência e a arte literária (Rivera & Salum, 2011; Teixeira, 2005), este aspecto é evidente no estilo dos seus textos e em trabalhos como A Interpretação dos Sonhos (Freud, 1900/2019a), Gradiva de Jensen (Freud, 1908), Totem e Tabu (Freud, 1913/2013), e O Mal Estar na Civilização (Freud, 1930/2020).

1 Mestre em psicologia e psicanalista em Formação pelo Grupo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina (GEP-SC²) Endereço: Rua Joe Collaço, 418, Florianópolis, Santa Catarina, CEP: 88035200, Tel: (48) 9 96174262; jpjohnn@gmail.com.

2 Agradeço o apoio do GEP-SC. Trabalho apresentado na conclusão do primeiro ano de seminários da formação no GEP-SC.

No entanto, é difícil compreender como a literatura pode ter fornecido este auxílio para a formação de novas ideias.

A psicanálise muito provavelmente não seria a mesma sem o diálogo com as artes. Sobretudo, a literatura viabiliza um encontro integrador (Teixeira, 2005), evidencia uma experiência subjetiva em um formato objetivo e textual, e assim facilita a compreensão e ilustração de diferentes paradigmas psíquicos (Azevedo, 2019; Freud, 1900/2019b; Ogden, 2018; Ogden et al., 2012). Neste sentido, eu trago este inquietamente a respeito do que leva a literatura, esta forma de expressão humana através de textos, a nos ajudar a compreender o subjetivo junto com a psicanálise.

Alguns dos estudos que trabalham esta interconexão possuem a perspectiva de ‘psicoanalisar’ os textos literários ou mesmo seus autores, ainda assim, é possível escolher outros caminhos (Júnior, 2021). Busco defender uma posição de diálogo com o texto literário, em consonância com Rivera e Salum (2011).

Esta opção envolve compreender a experiência com o texto próxima a uma relação com um diferente, este que é desconhecido e que, neste contato, pode nos apresentar e representar partes nossas. Esta opção viabiliza um diálogo rico com alguns aspectos da psicanálise, mais especialmente das relações transferenciais junto ao Campo Analítico (Baranger & Baranger, 2014; Ferro & Civitarese, 2018) e aos processos da Identificação Projetiva (Ogden, 2018).

Neste sentido, o texto só existe na presença de um leitor e tem o potencial de revelar um mundo desconhecido que, muitas vezes, é receptáculo de projeções inconscientes do leitor. O contato com este ‘estranho literário’ dá a oportunidade de conhecermos uma parte de nossa própria alma secreta e infantil, uma investigação que Freud já nos propõe em diferentes trabalhos, como na Interpretação dos Sonhos (Freud, 1900/2019a) e no trabalho Escritores Criativos e Devaneios (Freud, 1908).

Frente a literatura, é possível reconhecer algumas evidências de sua importância para o pensamento psicanalítico, no entanto, é inquietante a obscuridade deste exercício. O que a torna significativa para o *insight*? O que é este estranho literário? Como é possível obter ganhos a partir deste espaço literário de experiência e conhecimento? Assim, com suas características conflitivas e exploratórias, o texto literário parece exigir um trabalho do leitor.

O pensamento através da literatura e a postura do analista

Buscarei defender a ideia de que o texto literário é capaz de introduzir conflitos – descritos ou não pela psicanálise (a exemplo do princípio de realidade, a onipotência infantil, o complexo de castração) – de uma forma a permitir a manutenção de um desconhecido permanente, isso é, a presença de um estranho que nutre um mundo fértil, criativo e encantador. É de grande valor esta combinação, em que ao mesmo tempo que há um processo de desilusão e de trabalho sobre o narcisismo, também há uma construção de um espaço fantástico e de infinitude, em que o impossível pode acontecer através da criatividade.

Essas questões levam à compreensão de que a experiência literária pode estimular um pensamento importante para o analista. No caso, um processamento que ocorre sem controle e compreensão inicial, e que envolve a dimensão emocional. Isso é, trata do quanto a literatura pode ser reconhecida como amparadora de um pensamento que ocorre nas liberdades de um espaço emocional e não simbólico, possivelmente inconsciente, e que com tolerância permite descobertas ao leitor. Tolerar esta experiência com a literatura pode ser um dos caminhos de ganho de insight e teoria que percebemos em diferentes autores.

O encontro com a literatura envolve conflitos e experiências que desafiam a nossa compreensão inicial da realidade e o nosso senso de onipotência (Além do Princípio de Prazer; Freud, 1920/2016). Não sabemos o que podemos encontrar, é uma experiência duvidosa, assim como o fazer analítico. No entanto, é uma experiência que pode ser revolucionária por introduzir novas visões sobre o mundo. Ao longo do texto, pretendo tecer um diálogo entre a literatura, os processos do desenvolvimento infantil (como projeção, identificação projetiva, ilusão, onipotência) e a técnica psicanalítica que reconhece a narrativa, o onírico e o Campo Analítico como ferramentas importantes para o pensamento analítico (Ferro & Civitarese, 2018; Grotstein, 2018).

A literatura como um estranho

A literatura não tem obrigações com a realidade do mundo tal como o conhecimento científico (Silva & Peruzzo, 2019). Ainda assim, é possível pensar que a literatura trata de um verdadeiro, de uma realidade psicológica, similar ao verdadeiro na psicanálise. Este verdadeiro está na experiência do sonho e na integração com o inconsciente.

O caminho analítico não está somente na interpretação do sonho, mas também na abertura a uma nova forma de compreensão junto ao onírico (Civitarese, 2016). Afinal, mesmo a ficção mais absurda conserva aspectos humanos, na própria impossibilidade do autor de fugir de sua circunstância existencial.

Como exemplo, é possível citar *O Inominável* (Beckett, 2009), *Os Cantos de Maldohor* (Lautréamont, 1868/2020) ou *O Som e a Fúria* (Faulkner, 1990) como obras que se aproximam do limite do tangível e ainda assim podemos encontrar nelas algo que nos toca.

A própria palavra conceito de Freud ‘das Unheimlich’ não pode ser traduzida, pois indica esta esfera do estranho, do desconhecido e do não familiar que pode ser encontrado na literatura e que carrega um caráter angustiante e assustador, difícil de tolerar (Soares, 2020).

Para elaborar a ideia do Unheimlich/infamiliar, Freud conta com uma referência literária, ele cita a obra ‘Homem da Areia’ de Hoffman (Unheimlich; Freud, 1919/2019b).

A partir de Freud, é possível compreendermos que o Unheimlich ocorre através da transmissão de processos psíquicos de uma pessoa para um outro, é um processo em que a pessoa passa por uma identificação e uma perda do domínio do Eu diante deste outro diferente. A criação deste outro diferente/estranho, pode chegar como uma defesa contra a destruição do Eu, afinal, nega a presença de certas partes de si mesmo e as aloca no outro, protegendo o Eu daquilo que é desconfortável, que estava evitado e reprimido.

Esta parte projetada neste outro muitas vezes trata de um íntimo, de um secreto e de um não domesticado da própria pessoa. Inevitavelmente, esta experiência exige uma ajuda externa, de um diferente de nós, um outro que pode receber estes fragmentos do Eu (Silva, 2016). Possivelmente, o texto literário pode se oferecer assim como um objeto, um estranho que é diferente e semelhante, uma dupla ao Eu que está à disposição deste jogo de descoberta de si mesmo do leitor.

Para facilitar o diálogo, é considerável diferenciar o texto que se propõe à distração, que tende a repetição e ao consumo, do texto que perdura ao longo dos anos e que contém, em suas limitadas páginas, infinitas reflexões. É neste ponto que se torna viável considerar Freud um literata, seu texto abriga reflexões que até hoje estamos descobrindo, até parece que emergem do desconhecido. Considero, em consonância a Azevedo (2019), que um dos pontos mais marcantes do texto literário é justamente o de ter uma experiência, uma relação com um corpo desconhecido, múltiplo, e que nada diz por si só.

O pensamento através da literatura e a postura do analista

Na literatura, mesmo com a possibilidade da distração, também há um estímulo à reflexão e ao pensamento, este parece possível com o texto que se permite ter lacunas e experiências emocionais que acompanham elementos indefinidos, como dúvidas e incertezas.

Além do Unheimlich, o texto que não fala tudo e trabalha com incertezas possui propriedades similares ao do sonho, podemos chamar estes aspectos de partes insaturadas do texto, tal como são descritos por Ferro e Civitarese (2018) no trabalho com o Campo Analítico.

Entre alguns autores contemporâneos que trabalham com o conceito de Campo Analítico, é notável a proposição que aponta para a importância da insaturação como um aspecto técnico para a realização de interpretações que dialogam com o inconsciente (Ferro & Civitarese, 2018). Com um texto insaturado, a compreensão não está limitada à dimensão objetiva do texto e pode contar com a participação do leitor.

Tal como no silêncio do analista o analisando pode ter um encontro consigo mesmo, no texto com características insaturadas há faltas ou lacunas em que pode haver um depósito de elementos internos ainda não integrados do leitor, justamente os elementos que nos trazem esta sensação do estranho-familiar (Unheimlich, Freud 1919/2019b). Afinal, é familiar, pois são partes nossas que reencontramos na leitura, mas é estranho, pois são partes reprimidas ou rechaçadas.

Assim, a arte literária parece ser capaz de estimular a sublimação e permitir que o sujeito passe a se (re)conhecer um pouco mais. O mundo literário se constrói com o auxílio do livro na intimidade e interior do leitor, é um encontro com um espaço mais profundo que viabiliza este fenômeno de estranhamento junto a um (re)conhecimento de si mesmo (Silva & Peruzzo, 2019).

Isso é, pode envolver um processo elaborativo de construção de símbolos e significados (Levine et al., 2017), em que a pessoa tem a chance de perceber, integrar e dar novas direções a esta parte reencontrada do Eu que antes estava negada. É com o movimento de estar junto a um diferente, de estar perante o desconhecido na sala de análise ou no texto literário, que temos a oportunidade de entrar em contato com os nossos próprios processos inconscientes.

Em parte, este fenômeno pode ser observado nas investigações literárias de Bruno Bettelheim (1976/2015) que teoriza a respeito da importância da literatura infantil para o desenvolvimento das crianças.

Na literatura, as crianças têm a oportunidade experienciar de uma forma mais segura, diferentes emoções estressoras que emergem na experiência com o texto. Em seu início, os contos de fadas se propunham a amedrontar enquanto divertiam, e geralmente tinham um final ansiogênico (Coutinho & Rodrigues, 2021).

Estas emoções são provocadas pelas circunstâncias do texto, manifestam-se na experiência e levam a criança ao encontro de conflitos e medos próprios, é justamente isso que torna o texto tão interessante, próximo e significativo. Dentre os conflitos, podemos pensar o encontro da criança com os aspectos do próprio narcisismo, com conflitos como do complexo de Édipo, complexo de castração e da manutenção da onipotência. Afinal, dificilmente escapamos do nosso narcisismo, este fundamenta a nossa experiência com o outro e conosco (Andreas-Salomé, 1921/2021).

Por tanto, é possível que a literatura seja um espaço potencial para explorarmos as nossas dimensões desconhecidas, através de processos de identificação, projeção e transferência, com os quais repetimos na busca de elaboração. Em maior ousadia, busco argumentar que a literatura pode ser compreendida como uma ferramenta útil ao analista para o mergulho no mundo desconhecido interno que, em soma à experiência da análise pessoal, viabiliza novas descobertas que poderão vir a ser narrativas teóricas.

Certamente, esta função da literatura vai depender da motivação do olhar e das competências do leitor, que pode ou não estar influenciado por um espírito investigativo e psicanalítico.

É difícil saber o quanto o leitor está aberto e disposto a encarar o desconhecido (Freud 1919/2019b), pois este pode ser uma ameaça ao nosso narcisismo onipotente (Ferenczi, 1913/1992a). O encontro com o estranho exigirá uma tolerância em relação à experiência emocional, e poderá permitir a insurgência de conflitos pendentes; exige-se coragem para a exploração do desconhecido.

Em parte, encarar o desconhecido é um movimento de desestabilização e reintegração do Eu. Esta é uma lógica bastante similar ao que Bion descreve a respeito de tolerar o todo ('O') como parte da conquista do conhecimento (Grotstein, 2018).

O pensamento através da literatura e a postura do analista

O encontro com o desconhecido parece ser incompatível com a onipotência narcisista, requer um trabalho subjetivo de reconhecimento de limitações, dificuldades, faltas e da necessidade do outro, um trabalho que é assustador e ameaça algumas defesas do Ego.

Desta forma, seguirei argumentando em favor da literatura como um alimento para a compreensão de nós mesmos e para a construção de teorias psicanalíticas, mas que requer um processo digestivo trabalhoso. Não podemos negligenciar a dificuldade desta jornada sem uma análise pessoal que auxilie no contato com os conflitos emocionais.

A literatura e as artes podem ser de fundamental importância para alimentar um vocabulário emocional necessário para a percepção de si mesmo e para a tolerância da alteridade, do ‘diferente de mim’, estranho e desconhecido. Excepcionalmente para os analistas, esta pode ser uma experiência importante para o exercício destes processamentos e tolerâncias internas que são necessárias para o fazer analítico.

O cuidado necessário é o de compreender que o pensamento através da literatura exige um aparelho mental disponível à vivência emocional que surge no encontro com um outro, como o texto literário, e dificilmente existirá por conta própria. O processo analítico me leva a acreditar que é necessariamente um fruto de construção coletiva, na análise pessoal e na troca com outros, com os ‘diferentes de mim’. Dadas as circunstâncias, a literatura parece ser uma boa direção de estudo para o conhecimento de si.

Com relação a teoria, seguirei argumentando a respeito de alguns processos na literatura que podem ajudar na percepção das transferências e dinâmicas subjetivas que atualmente fundamentam muitos elementos técnicos contemporâneos, como do Campo Analítico (Ferro & Civitarese, 2018).

Entre o saturado e o insaturado

Algumas características do texto literário são bastante pertinentes para que exercitemos as nossas percepções. Trago em destaque as características insaturadas do texto que, às custas da generosidade do autor, nos permite participar, tomar e utilizar do texto para os nossos próprios pensamentos.

Neste sentido, o texto pode se tornar uma leitura trabalhosa, por nos exigir coragem e elaboração. No insaturado, encontra-se o desconhecido, o ainda não definido, e esta tarefa de definição é justamente parte do trabalho psíquico do leitor.

Segue um trecho do terceiro canto de Lautréamont (1868/2020, p. 162):

Uma lanterna vermelha, estandarte do vício, suspensa na extremidade de uma vara, balançava sua carcaça, ao açoite dos quatro ventos, acima de uma porta maciça e carunchenta. Um corredor sujo, cheirando a coxa humana, dava para um pátio, onde procuravam seu alimento, galos e galinhas, mais magros do que suas asas. No muro que servia de cerca para o pátio, e situado a oeste, haviam sido parcimoniosamente feitas diversas aberturas, fechadas por um postigo gradeado. O musgo cobria aquela parte central do edifício, que, sem dúvida, havia sido um convento, e servia atualmente como o restante da construção, de morada para todas aquelas mulheres que mostravam diariamente, aos que entravam, o interior de sua vagina, em troca de um pouco de ouro.

No início desta descrição, qual imagem veio à mente? O que a carcaça, vara, o corredor e as galinhas magras fizeram pensar? Percebe-se uma série de elementos, que podem chamar mais atenção para uns que para outros, que podem aludir a diferentes imagens, ainda mais quando não temos a imagem completa da descrição. Pode-se pensar sobre uma cidade antiga, sobre um espaço abandonado, sobre a ameaça de canibais e da fome.

Assim como, remete-me a um espaço que restava, que ninguém queria, um antigo convento (com ironia) que era usado para práticas específicas de sobrevivência. Fome? Sexo? O autor poderia ter falado logo que espaço é este, mas isto seria um roubo para a nossa imaginação, uma perda da magia. É justamente a insaturação, a figuração não restrita, que permite surgir o conflito e o pensamento.

Assim, o texto se produz de forma insaturada, não é definido imediatamente sobre o que se fala, não está explícito e nem dito, mas é compreensível, ainda mais em um plano mais emocional. Fome, medo, desconforto, cada leitor pode se conectar com elementos distintos e completá-los com fantasias próprias.

O pensamento através da literatura e a postura do analista

O mistério do autor é justamente o nosso deleite para participar da escrita e usar a nossa imaginação. Mas para aquele que se sente muito ameaçado ou demasiadamente empobrecido, estas seriam somente palavras soltas e que poderiam ser muito bem sintetizadas por uma descrição mais objetiva, tal como com a afirmação ‘lá estava ele num prostíbulo’. Percebe-se assim um insaturado que pode ser enriquecido com o nosso, e um saturado que conclui, que afirma indo direto ao ponto.

O insaturado assume a dúvida e viabiliza um contato com o desconhecido, já o saturado alude a uma realidade mais rasa e faz crer em uma ausência de conteúdos mais profundos. Não é como se um fosse melhor que o outro, mas são fenômenos com possibilidades distintas.

Um texto demasiadamente saturado nos obrigará a certas conclusões e não deixará espaço para que participemos da construção do pensamento. Neste sentido, a experiência com o saturado pode ser mais aliviada, pois temos que lidar com menos suspenses, menos riscos, tensões e resistências (que estão atreladas ao desconhecido). Muitas vezes, estes textos também estão associados a mecanismos de defesa infantis que confirmam ilusões preexistentes (como da onipotência; Além do Princípio de Prazer; Freud, 1920/2016). Também, tal saturação provoca uma realidade (interna e externa) rasa, o que se evidencia na baixa longevidade destes materiais, é um exercício de recalçamento de todo material que se difere da versão apresentada. O texto é o que é, e nada mais. Assim, o contato eminentemente saturado, que só existe na negação do desconhecido, pode resultar em um mundo empobrecido e desencantado.

Por outro lado, os textos com características mais insaturadas, assim como o texto freudiano, possuem a capacidade de demonstrar o fenômeno com conclusões parciais e não totais, de forma que o leitor é convidado a participar do pensamento. Notável, assim, a longevidade e atualidade destes textos, mesmo que escrito há muitos anos. Se somos capazes de atravessar as resistências para o encontro com o nosso profundo que aparece no meio insaturado, temos a oportunidade de – a cada leitura – encontrar uma experiência nova que denuncia, da mesma forma, a mudança que experienciamos naturalmente com o dia a dia e o envelhecer. Na insaturação e incompletude, o texto nos permite projetar uma parte nossa para completá-lo e, nesta troca, descobrimos mais do nosso mundo interno e subjetivo.

Contudo, o texto também se torna mais abstrato, exigente e cansativo, não sendo viável para todo mundo ou para qualquer momento.

Este raciocínio está presente de diferentes formas no desenvolvimento teórico da psicanálise. É possível reconhecer esta dinâmica na primeira tópica freudiana, com o contraste entre a parte consciente e inconsciente da mente (Garcia-Roza, 1987). Neste sentido, assume-se que onde há instauração, ou aquilo que escapa à consciência, há inconsciente.

Ainda assim, a maior aproximação com o raciocínio ocorre com a ideia de Campo Analítico (Baranger & Baranger, 2014; Ferro & Civitarese, 2018), em que se assume uma intersubjetividade diante de diferentes fenômenos, como de identificação, introjeção, projeção e transferência (Grotstein, 2018). O trabalho no campo necessariamente implica a própria realidade interna do analista para a compreensão do paciente e da relação que é estabelecida no encontro destas duas mentes (Ferro & Civitarese, 2018).

Não obstante, a proposta de Campo Analítico é um desenvolvimento que parte do conceito de Transferência e Identificação Projetiva que surgem, por sua vez, em diálogo com a literatura. Notável que a descrição moderna do conceito de transferência surge antes de Freud nos textos da série 'em busca do tempo perdido' de (Proust, 1913/2017), em que o passado permanece vivo nas relações atuais das personagens (Poland, 1992). De forma similar, frente o romance de Julien Green "If I Were You" (Green, 1949), Ogden (2018) traz que Melanie Klein observa no enredo a narrativa de uma personagem que se vê com o poder de se projetar e entrar no outro, mas no processo, a personagem perde noção de quem realmente ela é. Assim, Ogden (2018) explica como Klein, junto a própria genialidade, sensibilidade e experiência clínica, inicia a conceituação da Identificação Projetiva (Ogden, 2018; Azevedo, 2019).

Novamente a questão, o que há nesta literatura que ajuda no processo de conhecimento do subjetivo? Tal como fica evidente a presença das fantasias (como da onipotência) nas nossas dinâmicas inconscientes e intersubjetivas, é provável que este estranho literário seja uma das ferramentas que podemos ter na investigação do fenômeno subjetivo e inconsciente. Em parte, é com a perspectiva do Campo Analítico que nos aproximamos do outro e o sentimos para compreendê-lo e percebê-lo, assim, parece impossível perceber o diferente sem uma percepção aguçada e profunda de nós mesmos.

O pensamento através da literatura e a postura do analista

A exploração através da literatura pode nos permitir um aprofundamento em relação a nós mesmos e, por mais incerto que possa parecer, é um passo significativo para o fazer analítico que se propõe a trabalhar com a incertitude do inconsciente (intrap síquico), a proposta do Campo Analítico e da intersubjetividade. O mesmo aspecto está ilustrado na importância da análise didática para a formação analítica, o conhecimento sobre os próprios processos internos não deve ser menosprezado para viabilizar o trabalho com o outro.

Retomando o contraponto, o encontro com o insaturado não é um exercício simples ou fácil. Há de ter uma disponibilidade e um conhecimento profundo de si, para ser capaz de permitir se identificar com os textos e as pessoas ao redor. Em alguns casos, assumir a humanidade e a identificação com personagens vilões pode ser uma atividade assustadora. O estranho que chega como partes ainda não aceitas por nós mesmos pode oferecer a maior experiência de resistência. Os fenômenos ocorrem, mas a percepção deles exige um aparato sensível e afinado.

Por um lado, só é possível ver o real se abdicamos das ilusões, e por outro eu só vejo o estranho/diferente na medida que eu estou aberto ao encontro de um correspondente no meu próprio subjetivo. Estes processos são amplamente discutidos nos pensamentos a respeito do narcisismo (Andreas-Salomé, 2021; Ferenczi, 1913/1992a). Reconhece-se que uma abertura para com este Eu profundo, que me é desconhecido e que pode ser encontrado através dos desconhecidos da literatura, também poderá resultar em uma abertura para com este “diferente de mim” que é complexo, potencialmente estranho e desconhecido para mim.

Não obstante, este processo vai depender da facilidade com que o analista consegue abandonar a certeza de quem é, do Eu atual, para redescobrir-se perante o próprio desconhecido. Para abrir mão das certezas e ilusões exige-se um ato de coragem, pois o desconhecido pode assustar e dar medo, como também um ato de fé, um dos recursos que podemos ter diante do desconhecido (Grotstein, 2018). Neste sentido, inicialmente só existem pistas, somente com a fé (como um salto ou uma espera) que nós podemos entrar em contato com o que desconhecemos, que muitas vezes somos nós mesmos.

Um risco que persiste na desilusão precoce é o de ameaçar a existência do Eu que se defende pois está fragilizado, e assim ameaçar o mundo que depende deste Eu. Incitar um estranho que ainda não pode ser acolhido, ou tolerado, pode levar a construção de um mundo assustador, pessimista ou excessivamente desencantado.

Talvez seja esta a experiência nos textos de terror e horror. Acredito que podemos observar o efeito deste excesso na pulsão de morte freudiana (Além do Princípio de Prazer; Freud, 1920/2016; A criança mal acolhida; Ferenczi, 1913/1992b).

De forma semelhante, Winnicott (1982/2000) descreve que se há falhas na adaptação da criança ao ambiente, isso é, na nivelção da quantidade de desilusão ou de estranho, o Eu verdadeiro se protege com um falso *self*. Esta é uma proteção que ocorre através de processos de ilusão, justamente para preservar a continuidade deste ser que está fragilizado - somente com o eu verdadeiro será possível o início do teste de realidade (Winnicott, 1982/2000).

Assim, a combinação potencialmente perigosa é a da desilusão da onipotência infantil junto a um pensamento saturado. Nessa combinação há a remoção da defesa sem a construção da capacidade de amparar o desconhecido. A melhor alternativa é a da desilusão da onipotência, mas sem o desencantamento do mundo, este pode ser alcançado com uma construção respeitosa de tolerância dos limites pessoais, do nosso saber e com o reconhecimento de um desconhecido permanente, até em nós mesmos. O mundo encantado é este mundo em que ainda temos muito que aprender sobre ele. Para Löwy (2019), o reencantamento é uma ideia revolucionária e que se exerce através da imaginação. De certa forma, é preciso de um investimento suficiente sobre o Eu para que a pessoa tenha condições de aceitar as ameaças da exposição e sustentar um Ego capaz, apesar de um desconhecido constante (Ferenczi, 1913/1992a). Quando bem-sucedido, este balanço mantém o encantamento sem sucumbir à ilusão ou a um pessimismo (que pode negar e temer o desconhecido). Então, a literatura apresenta uma solução inesperada, um mundo desiludido e encantado, nos deparamos com o outro e o estranho, mas ainda assim contamos com o recurso da imaginação e da criatividade, seja o nosso próprio ou o do autor do texto.

Sobre o processamento do desconhecido

No texto a Interpretação dos Sonhos, Freud (1900/2019a) comenta de pensamentos ocultos que poderiam existir por trás dos sonhos. A partir desta ideia, Freud pontua a existência de um processo inconsciente de pensamento que envolve dois aspectos diferentes, ‘pensamentos do sonho’ e ‘conteúdos do sonho’.

O pensamento através da literatura e a postura do analista

Nesta dimensão inconsciente, ambos estes elementos se apresentam com uma multiplicidade, podendo estar sobredeterminados e deslocados. Assim, este pensamento oculto descrito por Freud é um processo de pensamento muito mais livre que a ordenação consciente – aspecto que Freud vai abordar na primeira tópica – e envolve conteúdos latentes que podem ser acessados na associação livre. Enquanto o consciente possui limitações de ordem e temporalidade (Ricoeur, 2012), a dimensão do desconhecido e do inconsciente não precisam obedecer a estes arranjos, sendo possível um pensamento sobredeterminado, deslocado, atemporal, concomitante, ambivalente e, muitas vezes, inesperado (Garcia-Roza, 1987).

Assim, parece haver benefícios distintos no pensamento consciente e inconsciente. O primeiro facilita a comunicação e a organização de teorias, enquanto que o segundo pode nos levar ao encontro de um aspecto ainda mais profundo e desorganizado que, provavelmente, nunca terá uma ordem plena. Então, também estamos falando de um exercício de pensar mais integrado em que, além do pensamento consciente, ocorre de forma mais abstrata e inconsciente. Propriamente, um retorno ao onírico e a capacidade de sonhar para elaborar as nossas experiências (Civitarese, 2016).

Em um sentido semelhante, Ogden et al. (2012), apontam para a possibilidade de três tipos de pensamentos com características distintas, ainda que nunca puros, o pensamento mágico, onírico e transformativo. Estes pensamentos agrupam uma multiplicidade de formas diferentes de processar a realidade. Em geral, o pensamento envolve o conflito de diferentes partes em uma dialética entre o consciente, inconsciente e a experiência emocional. O mais inusitado, novamente, é que na própria descrição de Ogden do que o levou a pensar no 'pensamento transformativo' envolve uma experiência literária, ele conta que elaborou o conceito a partir de uma cena descrita em um livro (Ogden et al., 2012).

Sobretudo, acredito que seja importante reconhecer que o pensamento através da literatura pode ocorrer em nível inconsciente, impactando a experiência literária do leitor, tal como evidenciando limitações e dificuldades. Também, acho importante evidenciar que o pensamento é um exercício ativo, a leitura de um texto pode ocorrer com uma atenção maior ou menor à elaboração e às nossas angústias.

É possível que a diferença esteja na intenção e posicionamento do analista, que é capaz de sustentar uma tensão muitas vezes desprazerosa ('O' em Bion) para o trabalho elaborativo (Grotstein, 2018). Para Virginia Ungar (2008), a tolerância do desconhecido é um dos principais componentes de uma atitude analítica.

Não sendo um processo passivo, é possível reiterar a ideia de uma parte consciente no pensamento onírico, afinal, mesmo que próximo aos sonhos e ao inconsciente, é um pensamento que exige uma postura ativa de tolerância e abertura. Um aspecto precioso do pensamento através da literatura é que ele abriga um exercício da capacidade de brincar (Freud, 1908), de sonhar e da formação dos símbolos, aspectos importantes para a prática clínica (Levine et al., 2017; Ogden, 2007).

Este pensamento parece uma ferramenta que pode ser conquistada pelo analista depois de um certo trabalho, pois vai de encontro a muitos desafios. Diante do novo, estamos na necessidade constante de nos redescobrimos e nos reintegrarmos. Por outro lado, aquilo que não for tolerado para que emergja na dupla com o analista ou o com o estranho literário estará fadado às profundezas, justamente onde poderá continuar em uma espécie de fermentação que impacta – ainda que sutilmente e às cegas – a realidade do dia a dia com repetições.

A direção de tratamento muitas vezes eleita pela psicanálise parece ser justamente a de permitir e construir com o *setting* um espaço propício para que essas realidades, por mais assustadoras que sejam, emergjam e sejam compreendidas e reintegradas. Uma ilusão tentadora é a de acreditar que as coisas não existem até que elas sejam visíveis, é uma ilusão pois o que aparece no vazio são aspectos que já existem, ainda que não reconhecidos, em forma recalçada ou em acúmulos emocionais muitas vezes não simbólicos (Levine et al., 2017) que, com a dupla, encontra a chance de se manifestar e de serem alfabetizados. Esta é a importância do espaço insaturado no setting analítico e do exercício necessário para a manutenção desta postura de abertura com o desconhecido. Como analista, trabalhar com o espaço insaturado é permitir que o paciente nos use como este estranho de si mesmo (Winnicott, 1982/2000).

Tal como é exigente com o analista, o insaturado também pode ser de grande dificuldade e resistência por parte do paciente. Por tanto, muitas vezes cabe uma sensibilidade do analista para nivelar o quanto de insaturado é suportado, o quanto de desconhecido é possível sem ameaçar em demasia este que nos encontra.

O pensamento através da literatura e a postura do analista

Aquele que tem muitas resistências, possivelmente vai ter altos gastos energéticos, desprazeres significativos e uma experiência ameaçadora frente a uma realidade demasiadamente estimulante pela falta.

Assim, mesmo que o objetivo final seja o encontro com o profundo, também é improdutivo para o tratamento a intensidade exagerada diante de um “organismo mente” fragilizado. Diante desta questão, temos o recurso do saturado, com uma interpretação saturada é possível colocar luz às coisas e manter distante, ainda que momentaneamente, às trevas desconhecidas de nossas profundezas. Este é um recurso de cuidado, de tornar o insaturado em saturado, que pode ocorrer com a interpretação e produzir um efeito aliviador (A função continente da interpretação; Schestatsky, 1990).

Basta a gente se expor em um espaço com ausência suficiente para percebermos nós mesmos completando este espaço – o que nada indica esta ser uma tarefa fácil. Na análise, o analista se torna este outro receptáculo de afetos soltos que são transferidos para ele. A questão não é a ocorrência deste processo, mas o quanto ainda nos iludirmos em acreditar que o que vemos é definitivamente uma verdade concreta, e que pode nos enganar com a ideia de que não existe o desconhecido. Certamente, sem esta ilusão, cada vez mais poderemos nos encontrar com uma complexidade genuína e um mundo mais encantador.

Conclusão

Nesta elaboração, alguns pontos cabem ser destacados. Argumenta-se que frente a literatura temos um contato com um diferente que pode nos ajudar a perceber aspectos estranhos de nós mesmos. Estes aspectos podem ser partes nossas que ainda não reconhecemos como nossas. Este processo exige o enfrentamento de ilusões e de defesas, que atuam justamente nos afastando dessas partes. Com a postura adequada, o desconforto com este estranho pode nos ajudar a descobrir perspectivas e elaborar aspectos novos para nós mesmos. Neste sentido, surge a possibilidade de um pensamento valioso, pois ele pode ajudar na descoberta e criação de novos mundos e encantos. Ele é viabilizado por um Ego capaz e tolerante que precisa ser exercitado através da análise pessoal e do contato com o estranho.

Assim, a literatura com características insaturadas surge como um exercício de exploração complementar, para descobrir ainda mais os estranhos que nos habitam e expandir nossa capacidade de tolerar e abrigar o desconhecido.

Referências

- Andreas-Salomé, L. (2021). *Narcisismo como dupla direção (original de 1921)*. Porto Alegre: Artes e Ecos.
- Azevedo, M. J. M. (2019). Psicanálise e criação literária. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 39(2), 74–78.
- Baranger, M., & Baranger, W. (2014). The analytic situation as a dynamic field1. In *The Pioneers of Psychoanalysis in South America* (pp. 21–60). Routledge.
- Beckett, S. (2009). *O inominável*. Globo. <https://books.google.com.br/books?id=kXm0PgAACAAJ>
- Bettelheim, B. (2015). *A Psicanálise dos Contos de Fadas (original de 1976)*. Editora Paz e Terra.
- Campbell, J. (2004). *The Hero with a Thousand Faces*. Princeton University Press. <https://books.google.com.br/books?id=HhFjQgAACAAJ>
- Civitarese, G. (2016). *Truth and the Unconscious in Psychoanalysis*. Routledge.
- Coutinho, S. E. G., & Rodrigues, E. M. (2021). Diálogo entre Literatura e Psicanálise: Contribuições dos Contos de Fadas no Desenvolvimento Infantil. *Revista Científica Novas Configurações–Diálogos Plurais*, 2(3), 15–28.
- de Launtraumont, C. (2020). *Os cantos de Maldoror (original de 1868)*. Iluminuras. https://books.google.com.br/books?id=YH_oDwAAQBAJ
- Faulkner, W. (1990). *The Sound and the Fury: The Corrected Text*. Vintage Books. <https://books.google.com.br/books?id=kEGpwwEACAAJ>
- Ferenczi, S. (1913/1992a). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. _____. *Sándor Ferenczi: Obras Completas, Psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes, 39–54.

O pensamento através da literatura e a postura do analista

Ferenczi, S. (1913/1992b). *Obras completas: Psicanálise IV.. (N.p.): (N.p.)*. (Issue v. 4). Martins Fontes.

Ferro, A., & Civitarese, G. (2018). *The analytic field and its transformations*. Routledge.

Freud, S. (1908). “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos. In “*Gradiva*” de Jensen e outros trabalhos (pp. 281–281).

Freud, S. (2013). *Totem e tabu (original de 1913)*. L&PM Pocket.

Freud, S. (2016). *Além do princípio de prazer (original de 1920)*. L&PM Editores.

Freud, S. (2019a). *A interpretação dos sonhos (original de 1900)*. L&PM Editores.

Freud, S. (2019b). *O infamiliar [Das Unheimliche]—Edição comemorativa bilingue (1919-2019): Seguido de O Homem da Areia de ETA Hoffmann*. Autêntica.

Freud, S. (2020). *O mal-estar na civilização (original de 1930)*. Cienbook.

Garcia-Roza, L. A. (1987). *Freud e o inconsciente*. Zahar.

Green, J. (1949). *If I Were You*. Harper. <https://books.google.com.br/books?id=2uAVAAAAMAAJ>

Grotstein, J. S. (2018). *A beam of intense darkness: Wilfred Bion's legacy to psychoanalysis*. Routledge.

Junior, N. C. P. (2021). Das relações entre literatura e psicanálise: Freud, Sófocles e o início de uma tradição interdisciplinar. *Trem de Letras*, 8(2), e021012–e021012.

Levine, H. B., Reed, G. S., & Scarfone, D. (2017). *Estados não representados e a construção de significado: Contribuições clínicas e teóricas*. Editora Blucher.

Löwy, M. (2019). *A estrela da manhã: Marxismo e Surrealismo*. Boitempo Editorial. <https://books.google.com.br/books?id=aV7GDwAAQBAJ>

Merleau-Ponty, M. (1971). *O visível eo invisível (Vol. 40)*. Editora Perspectiva.

Ogden, T. H. (2018). *Projective identification and psychotherapeutic technique*. Routledge.

Ogden, T. H., François, Alain, & Muszkat, S. (2012). Sobre três formas de pensar: O pensamento mágico, o pensamento onírico e o pensamento transformativo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46, 193–214.

Poland, W. S. (1992). Transference: “An original creation.” *The Psychoanalytic Quarterly*, 61(2), 185–205.

João Paulo Koltermann

- Proust, M. (2017). *Em busca do tempo perdido (original de 1913)*. Dyalpha.
<https://books.google.com.br/books?id=tc9sPAAACAAJ>
- Ricoeur, P. (2012). Entre tempo e narrativa: Concordância/discordância. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 53, 299–310.
- Rivera, T., & Salum, L. K. (2011). Em busca do tempo: Interpenetrações entre psicanálise e literatural. *Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos*, 31–45.
- Schestatsky, S. (1990). A Função Continente da interpretação. *Revista de Psiquiatria Do Rio Grande Do Sul*, vol. 12, n 3, pp. 148–153.
- Silva, C. R. T. da, & Peruzzo, P. P. (2019). A literatura como direito humano. *ANAMORPHOSIS - Revista Internacional de Direito e Literatura*, 5(2), 515–538.
<https://doi.org/10.21119/anamps.52.515-538>
- Silva, R. L. (2016). Precisamos falar sobre o outro. O outro em mim, o outro na cidade, o outro que mora ao lado e tantos outros. *Arq. Urb*, 17, 137–149.
- Soares, J. (2020). O infamiliar [Das Unheimliche]—Uma edição crítica à sua maneira. *Natureza Humana-Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, 22(1), 4–4.
- Teixeira, L. C. (2005). O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. *Psyché*, 9(16), 115–132.
- Ungar, V. (2008). A transferência em sua perspectiva clínica. *Jornal de Psicanálise*, 41(75), 243–258.
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas (original de 1982)*. Imago.
<https://books.google.com.br/books?id=9HJyAAAACAAJ>